

BANDO ACADÊMICO

Recitado pelo estudante do 7.º ano de Letras

FORTUNATO LEITE DE FARIA

em 5 de Dezembro de 1923

SILENCIO! ó sócios meus da Academia!
Emudeçam bombos; tambores; cess' a folia.
Reparem!... Ao longe, nos longes do poente,
Envollo em poeira d'ouro, aurifulgente,
Oh! como avança solene, hieratica,
Qual ronha de espectros... *elit' aristocratica*,
Soberba, altiva, quasi poder d'Estado,
Manto, murça branca, cabeção encarnado!...
Ouçamos-lh' as vozes — lílania suspirada!
Deprofundis resado á nobre Col'giada!
Pedras da «Sé sem bispo» choram, em coral,
Mortas liturgias da «Insign' e Rial»!...
Gloria extinta! revive em nos esta visão:
Um Cônego ainda há. Um, por excepção.
Um, é pouco. Concordemos. E' muito pouco!
Mas, se não acham bizarro, discorrer louco...
Como Noé no diluvio universal,
Viva ess' um! Seja-lh' a vida imortal!
E' Mestre culto; Mestre bom; Mestre indulgente:
— Senhor Cônego: fique... fique *pr'á semente!*

Tudo passa! Tudo! Homens, instituições,
Imperios, povos, ideas, civilizações...
Tudo se transforma — prodigio d'alquimia! —
Na reforça do tempo... e da filosofia,
Fora dos eixos anda o próprio planeta,
E não há, senhores, quem nos eixos o meta!
E' ver: N'A'sia, onde Deus *Budha* é chamado
E o imperador se usa chamar — *Micado*,
Um scismico abalo, servido vulcão,
Pondo-lh' a terra e os mares em convulsão,
Abismou, solerrou, cidades e montanhas,
Como s'um semi-deus feroz e sem entranhas,
Confundindo a Sciencia e os Elementos,
Quizesse ensaiar, provar, — oh! vans intentos! —
Em cátedra solene e em grande acto,
Qu'este mundo não é esferico: — *é chato!*

Sim, quem sabe?... Porqu'este mundo, afinal,
Longe, muito longe, de ser transcendental,
Não passa de ser, (isto fora de loquelas),
Duas, apenas, grandessimas *gamelas!*
Comer ou ser-se comido — eis as questões!
... Se não que o diga a tal Liga das Nações:
Ess' alto tribunal onde a diplomacia
Dá lições de direito e... geografia.
Exemplo: vêd'essa *salada* dos «soviets»,
Esse trágico e cómico entremês,
Onde a *poda* foi maior que o encherito,
P'rá final... deixar o *cilindro* sem concerto!
Quanto á Alemanha, ferrabraz e caserneira,
Oh! querendo engulir a Europa inteira,
Está sendo p'los próprios filhos devorada!...
E a nobre França, no Ruhr, em *paz armada*,
Estafando o disco da sua Marselheza,
Beijoca os Aliados... *sem largar a presa!*
E que dizer do nosso Primo de Rivera,
Com *lá gana* de ser um *Mussolini-bera?*
... Ai, p'ra lá, p'ra lá com essa União Iberica!
Wilson idealista, a chorar n'America,
Vendo derreda a velha humanidade,
Vergada ao peso de tanta *fraternidade!*
— Não, Primo! Ide... ide aos mouros da mourama!
Portugal! Portugal! minha voz te proclama,
Independente, e livre, e imortal!
Tua história é grande e bela — sem igual!
E's filho d'aventura e da fé exaltada!
E' *cauto* e heroi p'la cruz e p'la espada!
Viverás no tempo e viverás no espaço!
Cavaleiro antigo, d'armadura d'aço,
Tu lutarás contra viboras e chacaís,
E nunca serás vencido! Jamais! Jamais!
Pois 'inda que o este epilectico mundo,
Rajada ciclópica o meta ao fundo,
E todo se desfaca em cacos, p'lo ar,
O' Pátria linda! Tens azas para voar!...

Ventos da fortuna! Oh! crueis inclemências!
Quinze disciplinas no 6.º de sciencias!...
Ai, nunca a imagem nos foi mais a primôr:
«Um... carregadinho de livros, é *doutor!*»
E p'ra quê tanta sciencia de contraforte,
Se, demais a mais, «quanto mais *burro*, mais sorte?»
Cebolório! Isto d'um homem estudar,
E' pior — *qu'ir á Havaneza pelo ar!*...
'Inda mais: e como se fero senhorio
Pozesse no relento, á chuva, ao frio,
A *Juventude!*... Que p'ra não ir por a cová,
Se resignará ir — *para a Cadeia-Nova!*

Estudar não é esse facil heroismo
D'ir á Penha fechar (?) um hotel, *por turismo*,
Ou ir a Ronfe, de papo feito, inchado,
Buscar lá... *churro*, e vir de lá *tosquiado!*...
Estudar, oh!, é labôr e dos mais galhardos!
Mais que o de vencer (?) *lidadores algemados!*...
Mais que esse bairrismo cruel, fementido,
De levar *ao prego* a Casa do Cabido!...
Vale mais, muito mais, nosso vinco d'estudo,
Que ser deputado em côrtes — *pato mudo!*...
Estudar, custa; massacra; mas é delicia,
Quando s' estuda a psicologica policia,
Simbolizada da cabeça até aos pés,
Nesse sonâmbulo policia — o 10!
Estudar é aguilhão... Sim, é. Mas produz:
Aumenta... *sem aumenta, o preço á luz!*...
«Saber não ocupa lugar»; e é um dote;
Tam raro, como no Padrão ver o *pelote*,
Ou algum melhoramento adiantado,
Por conta *desses projectos* — *papel pintado!*...
Estudar é, em resumo e sem sofisma,
Mais c'os fies de S. Miguel chocar — *um scisma!*...
Creiam! Foi só o estudo quem permitiu
O milagre — *dum Arcebispo qu'aderiu!*...
Estudar (oiçam!) só tem proesa igual,
— Sab' em que? Na Exposição Industrial!
Isso sim, que foi grande e belo — a valer!
... Que até cá veio um Ministro, *a correr (!!!)*
Gloria ao Trabalho! Gloria ao povo obreiro!
Gloria a Chico Martins! e mais João Loureiro!
— P'rós quais se não propomos *státua d'afecto*,
E' para que se não perca... *mais um projecto!*

Morreu Junqueiro! Tem menos perfume as flores!
O' Poeta máximo, dos sons e das côres!
Teu lirismo jocundo, rútilo e sonoro,
Astral e grande com' a luz dum meteoro,
Refulge no infinito azul dos ceus!
Vive na Raça! na Natureza! em Deus!
Lira imortal!... Alvoradas do divino!...
Oh! cantai! cantai o Eterno Feminino!
... Embora o Amor (perdoem Vossas Excelências!)
Seja, por uma vil questão de subsistências,
Tam prosaico... que quere, á primeira vista,
Que de Campelos sejamos acionista!...
Acabou o romantismo! Frase profana
E' gritar: «O teu amor e uma cabana!»
... O amor, hoje em dia, é uma grand' *espiga!*
Oh! antes! antes o amor á moda antiga!...
Serões d'outeiro, com freiras e marmelada,
Frase feita... gesto largo... capa e espada!
Ai! não havia como um lausperene d'amor,
Escudeirado nas «casinhas do Senhor»!
Tê os santos, vendo o herético beliscão,
Diziam contritamente: «Perdão! Perdão!»
Pois sabim, bem sabiam, (oh! doce encanto!)
Que pecadilhos de amor... os faz um santo!

Alerta! pois, alerta! ó briosa Academia!
Conspira contra nós, Padre José Maria!
... Ele, c'o geito que Nosso Senhor lhe deu,
Vai no Internato enclausurar o Liceu!
E como ha-de um «papo-seco» *flartar*,
S' a portaria fecha e a *regra* é — *studar?*!...
Remedio? Voltar *Santa Clara* ao passado:
Fazer do Liceu um convento restaurado,
Mas convento *duplex*: com capas e balinas,
Onde s'estude em *côro*, *laudes* e *matinas*,
Só assim, bem unidinhos os corações,
Conjugaremos o verbo *amar* — sem lições,
Juntinhos, e na mais santa comunidade,
Ai! como é bom tomar o habito de frade!
... Mas, não! Perca-se diploma, formatura,
Perca-se tudo! Mas não se perca a ventura
De um curso poder tirar, em liberdade,
— Um curso d'amor na vossa Universidade!
Somos filhos do sol! frotveiros do luar!
Engaiolados... *tê perdemos o cantar!*

Mestres! Ouvi meu apelo: — Tornai mais suave
A *regra do convento!* Somos *aquela ave*,
Onde dura seta abriu ferida d'amor.
Mestres! Armai (que vos custa?) em *Redentor!*
Em *Santo Homem-Bom*, se tanto vos apiaz!...
Mestres! *Deixai passar* o cábula — *sagaz*,
Vede como gila! Como todo s' inflama:
— Rapazes! Rulá! Oh! rulá!... *por Nossa Dama!*

João Ninguém.